



**FAMÍLIAS CAMPONESAS RESILIENTES E O USO DA ÁGUA NO
LUGAR OLHOS D'ÁGUA – UBERLÂNDIA-MG**

RESILIENT PEASANT FAMILIES AND THE USE OF WATER IN THE PLACE OF OLHOS D'ÁGUA –
UBERLÂNDIA-MG

Stéfany do Nascimento Mamede¹

Rosselt José Santos²

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compreender as famílias camponesas a partir do uso da água. A pesquisa buscou entender a dinâmica a partir da comunidade Olhos D'Água localizada no município de Uberlândia-MG. No território da Comunidade Olhos D'Água, as famílias camponesas exercem suas estratégias sociais para viverem no lugar com todas as dificuldades e lutas contínuas. Essas famílias vivem dos cultivos de frutas e hortaliças e com isso exercita uma agricultura capturada pelo mercado, cujo resultado é a manutenção da vida da família.

PALAVRAS-CHAVE: família camponesa; território; lugar; água.

ABSTRACT

The present work aims to understand peasant families from the use of water. The research sought to understand the dynamics from the Olhos D'Água community located in the city of Uberlândia-MG. In the territory of the Olhos D'Água Community, peasant families exercise their social strategies to live in the place with all the difficulties and continuous struggles. These families make a living from fruit and vegetable crops and thus exercise an agriculture captured by the market, the result of which is the maintenance of family life.

KEYWORDS: family farming; territory; place; water.

¹ Graduanda em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Bolsista PET MEC vinculada ao PET MEC Geografia do Instituto de Geografia da UFU. E-mail: stefany.mamede@ufu.br

² Geógrafo e Professor Titular do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia. Orientador Permanente do Programa de Pós-Graduação em Geografia. Coordenador do Laboratório de Geografia Cultural. Pesquisador da CAPES, CNPq, FAPEMIG e UFU. E-mail: rosselt@ufu.br

INTRODUÇÃO

A agricultura capitalista está inserida nos dias atuais no Brasil, sendo baseadas na modernização, em pesquisas, nas estratégias de mercado, no uso das tecnologias, que trazem muitas inovações para a agricultura. Deixando assim, de lado, aquela produção familiar, baseadas num processo produtivo que se estabelece nas condições e relações socioterritoriais, visadas pelos modos de vida.

Ao estudarmos sobre as mutações sociais no campo brasileiro, sobretudo, aquelas decorrentes dos processos de reprodução do capitalismo no mundo globalizado, fomos considerando, primeiramente a condição sociocultural dos camponeses existentes na comunidade Olhos d'água e seu modo de vida. Logo compreendemos que são situações implicadas nas relações que os camponeses estabelecem cotidianamente com seus familiares e entre vizinhos, por vezes mediadas por seus hábitos, seus modos de produção, suas tradições.

Para o governo, a agricultura familiar é uma forma de produção na qual se associam fatores essenciais como gestão e trabalho. Via de regra, os próprios agricultores familiares dirigem e executam o processo produtivo, ao mesmo tempo em que dão ênfase à diversificação da produção e à utilização do trabalho familiar, que, eventualmente, pode ser complementado com trabalho assalariado." (AZEVEDO, 2012, p. 136)

No território da Comunidade Olhos D' Água, o camponês continua movimentando suas estratégias sociais para viver no lugar. Em suas pequenas propriedades o trabalho braçal ou até mesmo por máquinas e equipamentos facilita os seus cultivos. A partir dos cultivos de frutas e hortaliças exercita uma agricultura capturada pelo mercado, cujo resultado é a manutenção da vida da família.

As relações de mutualidade envolvem mutirões com máquinas agrícolas, principalmente na composição de silagem. Suas tradições compõem também sua resiliência. Pode-se afirmar que a religiosidade se constitui em principal fator para fazer fluir entre as famílias as suas reciprocidades nos atos e nas práticas socioprodutivas.

Outra característica importante daquele camponês existente na comunidade Olhos D' Água é o seu envolvimento com a preservação dos recursos hídricos. Algumas famílias na comunidade além de produzir alimentos para obterem renda exercem a função de "Produtor de Água". Elas vivem no lugar praticando uma agricultura que tende respeitar a legislação vigente. No cotidiano aprendem e ensinam a cuidar das nascentes. Evitam a presença do gado nas APPs (Área de Preservação Permanente), cercam as áreas úmidas, preservando a vegetação de entorno.

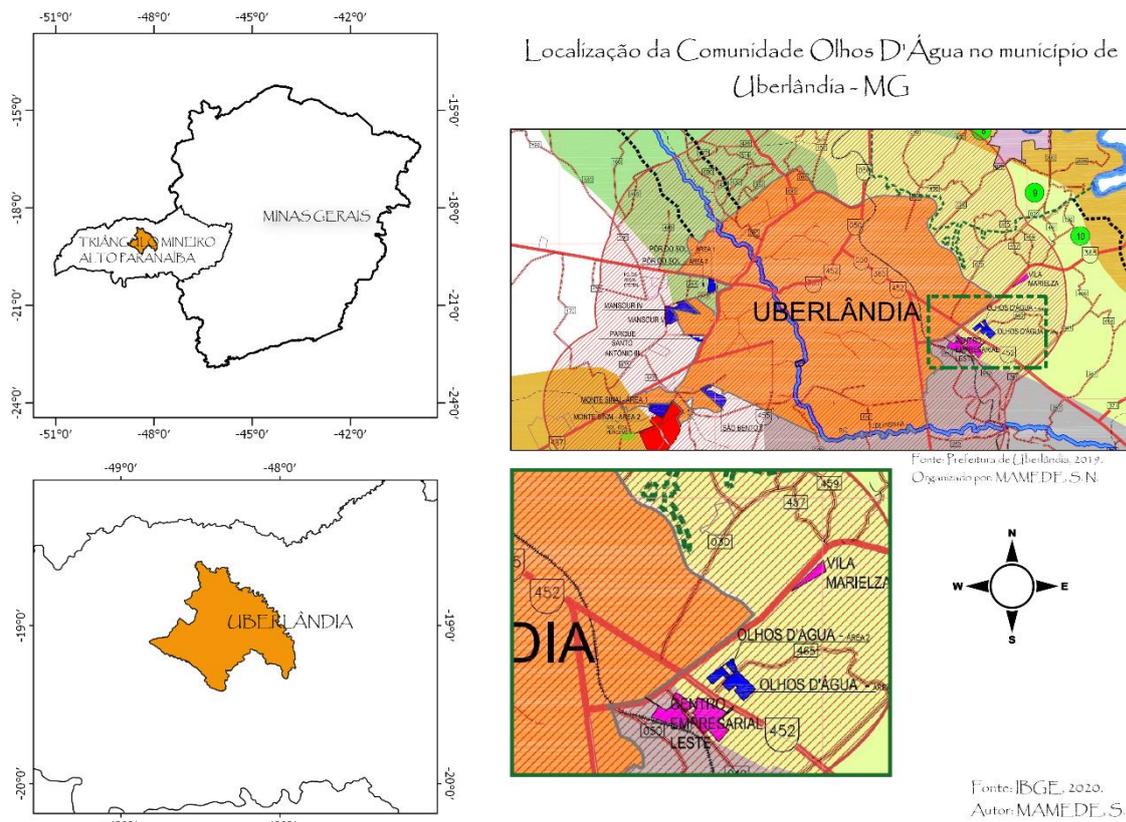
Nesta fase da pesquisa, prosseguimos a discussão da preservação dos recursos hídricos procurando analisar os processos socioterritoriais, que inclui a organização da comunidade, a partir do sistema econômico, político e cultural em que as famílias camponesas estão inseridas. Logo, também, enfatizamos as considerações sobre o lugar de vida, as suas relações de mutualidades, contemplado as relações de vizinhança ocorridas por intermédio das práticas religiosas e as relações de reciprocidade. Observamos que as relações sociais dos camponeses seguem em transformação e diretamente ligadas ao uso da água.

Consideramos, do mesmo modo, analisar as diversas combinações tecnológicas, combinadas em distintas proporções entre antigo e o moderno. Na comunidade elas estão sendo empregadas na propriedade camponesa, e logo, verificamos as suas interferências no uso da água. O uso da água ocorre como desafio às transformações ocorridas nos últimos anos, baseado na condição resiliente dos camponeses.

DESENVOLVIMENTO

A Comunidade Olhos D'água

A Comunidade Olhos D'Água, está localizada no espaço rural de Uberlândia-MG (Mapa 1), no setor leste do município. Suas divisas ocorrem na extensão desde a BR 365 do Km 607, com proximidade ao anel viário leste seguindo até o limiar do Rio Araguari, e logo, do outro lado com divisa com a comunidade Cruz Branca, e na outra extremidade a BR 452. Conforme o presidente do conselho comunitário, Sr. Itamar, na comunidade, existe mais ou menos 90 propriedades. Suas características estão relacionadas a pequena propriedade, sendo que as relações sociais entre vizinho tornaram-se complexas quando o uso da água passou a ser uma questão vital para as famílias.

Mapa 1 – Localização Comunidade Olhos D'Água na cidade de Uberlândia-MG

Fonte: Prefeitura de Uberlândia, 2019/ IBGE, 2020. Organizado e elaborado por: MAMEDE, S. N.

A organização da comunidade para atender as suas demandas socioprodutivas ocorre principalmente a partir do conselho comunitário. Ele funciona como local de discussões e instruções para os camponeses viverem no lugar. Nele também aprenderam a negociar na comunidade o uso dos recursos hídricos. Sua importância logo é constatada nas falas dos camponeses, pois ele acaba servindo como um apoio as famílias.

Especificamente em relação ao uso d'água consideram o conselho como um espaço onde são discutidos os cuidados que devem estabelecer com os recursos hídricos na comunidade. Segundo o presidente do Conselho Itamar, os principais problemas enfrentados na conservação dos córregos são de pessoas de fora da comunidade. Ele narrou situações em que a população de bairros vizinhos tem a prática de descartarem lixo próximo as nascentes e nas proximidades comunidade.

O presidente também se mostra preocupado com as práticas das empresas que se instalaram próximo a comunidade. Em geral, elas estão contratando empresas para perfurarem poços artesianos, afetando assim as águas da comunidade.

Segundo o Sr. Itamar, a Prefeitura de Uberlândia, todos os anos, a partir de suas secretárias disponibiliza verbas para a comunidade. Elas objetivam atender algumas demandas apresentadas pelos camponeses. Geralmente eles reivindicam melhoramento das estradas, manutenção das pontes dentre outros aspectos de infraestruturas relacionadas a produção. Segundo o Sr. Itamar, no ano de 2019, a comunidade recebeu um valor, que lhes proporcionou a aquisição de um caminhão pipa. O caminhão vem sendo usado para molhar as estradas melhorando a qualidade de vida das pessoas, pois evita que as residências fiquem empoeiradas. Com relação a produção, molhar as estradas proporciona que os alimentos produzidos chegue ao CEASA livres de poeiras. Além disso, também assinalam que houve redução no número de incêndios. Assinala-se que a associação é uma conquista que ampliou a representação da comunidade perante aos poderes públicos.

Camponês e Resiliência Camponesa

Os camponeses que estamos estudando sofrem diversas pressões do sistema capitalista. Conforme MARQUES (2012), sua organização se baseia no trabalho familiar. Os seus princípios de organização estão fundamentados na reciprocidade das relações decorrentes do seu modo de vida. Podemos então afirmar que o camponês estabelece em seu lugar de vida lógicas sociais que não são totalmente subordinadas a lógica produtivista do capital.

Ao considerarmos que a resiliência camponesa é a capacidade social e psíquica daquelas famílias, do lugar alhos d' água, lidarem com os problemas do dia-a-dia, com a pressão do capitalismo, estamos entendendo que eles aprenderam e continuam aprendendo a lidar com as imposições do mercado e do estado em um mundo globalizado.

Na Comunidade Olhos D'Água, enfrentar e solucionar instabilidades relacionadas ao uso da água é uma característica das famílias camponesas resilientes. Não romperem com a comunidade, com o conselho, mas objetivarem as suas participações projetando nela possibilidades de resolverem inúmeros problemas é uma manifestação da resiliência. Nesse sentido, Nicolas Floriani et. Al (2013 p. 76) esclarece que os estudos rurais assistidos pela ideação de resiliência socioespacial e cultural leva

a análise na perspectiva da reprodução e adaptação do modo de vida das comunidades rurais frente aos processos modernizantes hegemônicos pautados pela racionalização do espaço e do tempo sociais e ecológicos. A reafirmação de sua identidade está aderida à condição de indissociabilidade ao seu território que registra em sua paisagem as ações da coletividade no passado e no presente, o que lhes permite referenciar seus valores, práticas e visões de natureza junto aos demais atores sociais do espaço rural.

Desse modo, pensamos o camponês como aquele que está de acordo com COSTA (2019), “organizado para atender às necessidades da família.”, ou seja, a renda é para atender as demandas da sua família. Na Comunidade Olhos D’Água, o uso da água lhes impõem viver na condição resiliente, isto é, se reinventarem com base em suas experiências, conhecimentos e habilidades. Isso indica que eles não recusam o uso de novas técnicas, principalmente aquelas que possam lhes permitir prosseguirem desenvolvendo a vida no lugar. De certo modo, lhes proporcionam enfrentarem o período da seca e continuarem camponeses juntamente com suas famílias.

Reciprocidade

Certamente na comunidade Olhos D’Água é possível perceber relações ligadas a prática de reciprocidades entre vizinhança. Observamos a troca de pequenos favores, principalmente entre pessoas que tem mantidos vivos os seus vínculos religiosos e também por parentesco.

Segundo o Sr., “à igreja e o padre em si, não tem envolvimento direto sobre o uso da água entre os camponeses da comunidade.” A água na comunidade por ser algo bastante precioso, acaba sendo um fator de desavenças, principalmente na época da estiagem, e que com isso, a religião e o parentesco ajudam na maioria das vezes para encaminhar soluções de problemas. O histórico de troca de favores entre vizinhos também ajuda para pacificar os ânimos. Contudo, referente a água, a briga pode ser mais intensa, existem casos que é chamado a polícia ambiental para resolver os problemas, aparentemente sem solução. Dê acordo com o produtor rural Denílson, que tem laços familiares antigos na comunidade, sempre consegue negociar mais facilmente o uso d’água. No entanto, afirma que “a religião, não se envolve nesses problemas hídricos, ajudando somente nas relações de mutualidade”.

Os Camponeses e Suas Combinações Tecnológicas

Na comunidade, entre os camponeses são vários os tipos de técnicas de cultivo de frutas e verduras. No lugar foi possível perceber que os camponeses estão empenhados em adotarem técnicas mais funcionais para atenderem as demandas dos dias atuais. Na comunidade, o cultivo dos roçados até a segunda metade do século XX era baseado em formas tradicionais com traços de rusticidade. Eles aravam suas terras, tracionados com juntas de boi e a irrigação por inundação. Porém, atualmente os camponeses da comunidade se viram a frente a necessidade de melhorias, principalmente para enfrentarem a escassez da água no período do inverno. Estação do ano caracterizada como de tempo seco, sem incidência de chuvas e que lhes obriga a prática da irrigação.

Ao realizar o trabalho de campo nos meses de seca, foi possível analisar quão são importante e necessário a irrigação. A partir dela eles ampliam as possibilidades de continuarem gerando trabalho e renda. Com base no trabalho familiar estabelecem seus ganhos para manter a família. O trabalho não é apenas braçal. A família utiliza-se de máquinas as quais facilitam seus cultivos. Na propriedade do produtor Denílson, observamos que a técnica da irrigação por gotejamento é a que melhor lhe trouxe resultados, pois economiza água. Em comparação com outras técnicas, chega à proporcionar mais de 50% de economia de água.

O camponês optou também por fazer o represamento da água no período noturno assegurando uma importante reserva do recurso para irrigação de seus bananais, como mostrado na Imagem 1. Além da irrigação, observamos o uso de máquinas como trator.

Imagem 1 – Represa em propriedade camponesa - Comunidade Olhos D'Água



Fonte: Arquivo do Laboratório de Geografia Cultural e Turismo da Universidade Federal de Uberlândia (2019).

Na comunidade conhecemos uma família que cultiva hortaliças orgânicas (Imagem 2 e 3). Segundo o camponês Dirceu, essa nova forma de produção é bastante complicada para cuidar, pois são necessários muitos procedimentos para evitar qualquer tipo de contaminação por agrotóxico (veneno). O cultivo para receber certificação, somente pode ser obtido por meio de técnicas biológicas.

Imagem 2 – Hortaliças Orgânicas na propriedade do Produtor Dirceu na Comunidade Olhos D'Água



Fonte: Stéfany do Nascimento Mamede (2019).

Imagem 3 – Hortaliça Orgânica – Plantação de Alface



Fonte: Stéfany do Nascimento Mamede (2019).

A família narrou como discutiu a sua opção por orgânicos, destacando que se trata de uma opção para a pequena propriedade familiar. Acrescentou que seu maior problema para a produção encontra-se no período da seca. A água diminuiu cerca de 50%, sendo necessário utilizar todo o volume que dispõem.

Na propriedade camponesa que se fez a opção pelos orgânicos, podemos observar as novas técnicas devem contribuir para assegurar a opção do camponês e que em relação a água elas devem proporcionar uma real economia da água.

As carências de água e a condição resiliente dos camponeses

O uso d'água no lugar Olhos D' Água é relativa e relacional a história da comunidade. Trata-se de uma comunidade que enfrenta várias dificuldades na utilização da água para a produção de alimentos. A especulação imobiliária, o monocultivo de grãos e o desmatamento podem estar agravando a escassez de água naquele território. Nesse contexto, os camponeses do lugar, procuram inventar ou mesmo reinventar práticas sociais que os auxiliem no compartilhamento daquele recurso, sendo visto, que a maioria está fazendo o represamento da água no período noturno e obtendo técnicas de irrigação por gotejamento.

Segundo a EMBRAPA (2001), a irrigação por gotejamento “pode reduzir o uso de água em até 60%”, tendo uma “maior produtividade (20 a 30%)”, essa técnica para produção vem sendo bastante utilizado pelos moradores da comunidade Olhos D' Água. Sua única desvantagem de acordo com EMBRAPA (2001), é devido ao “maior custo inicial por unidade de área”, mas logo a instalação terá um grande aproveitamento do cultivo.

O Programa Produtor de Água, segundo a Agência Nacional das Águas (ANA), conceitua que produtores de água são produtores rurais que estão dispostos a fazer parte e contribuir para a conservação de recursos hídricos mediante o manejo adequado de suas propriedades, que se fundamenta na Lei 9433/97 (Política Nacional de Recursos Hídricos), dispondo a articulação da gestão de recursos hídricos com a do uso do solo. Neste programa, os produtores que desejarem participar, tem placas fixada na porta de sua propriedade, com transparência “Produtor de Água” (Imagem 4). Com isso, é possível afirmar que na comunidade, não são todos os produtores rurais que fazem parte desse programa, devido a localidade da propriedade que não tem necessidade de fazer parte do mesmo e também pela falta de conhecimento da legislação.

Imagem 4 – Placa indicando “Produtor de Água” - Programa Buriti – Dmae

Fonte: Arquivo do Laboratório de Geografia Cultural e Turismo da Universidade Federal de Uberlândia (2019)

Na comunidade, encontra-se em andamento um projeto chamado Buriti, que está sendo realizado pelo Dmae. Esse órgão contratou a empresa Agriterra Ambiental para prestar serviços ao projeto. Trata-se da plantação de árvores em torno das nascentes. O objetivo segundo o empresário da Agriterra, no ano de 2019, foi plantar 40.000 mil mudas, propiciando cuidados com as várias nascentes encontradas na comunidade.

Além das ações da prefeitura municipal registramos na fala do camponês Denílson, a necessidade do aprendizado ser constante e dinâmico. O mesmo afirmou que consegue aprender muitas técnicas pela programação da TV, principalmente assistindo o programa Globo Rural da rede globo, onde se passa várias dicas para viver no campo.

O camponês sem dúvida demanda sistemas de aprendizagem de novas técnicas. Segundo SANTOS (2016, pág. 17) o camponês se caracteriza, “por meio do trabalho familiar, destaca-se pelo fato de produzir sua existência a partir de saberes e fazeres culturalmente constituídos e, também, desvinculados de uma lógica totalmente capitalista”. Portanto, consideramos que a partir de suas experiências, o camponês exerce a sua capacidade para resolver problemas.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Consideramos a resiliência como uma potência que se torna ativa no processo de reinvenção e de transformação dos camponeses. Nos processos envolvendo a experiência/existência camponesa destaca-se a sua capacidade de negociar o uso dos

recursos presentes no seu território. Como sujeitos tencionados pelo mercado e pelo estado expõem a partir dos seus tirocínios modos de incorporar outros elementos que possibilitem provocar uma ruptura com os padrões tecnológicos. Abordamos a resiliência camponesas aludindo à criação inovadora de jeitos de lidar com a água e as imposições/dificuldades decorrentes da contemporaneidade.

A prática da irrigação dos roçados camponeses sem comprometer os recursos hídricos presente no território é considerado na pesquisa um desafio. Assim, a resiliência, no contexto do uso d'água assume o desafio de reafirmar a existência camponesa pela experiência e criar estratégias de reinvenção.

Objetivamos compreender a partir dos atos práticos ligados a vida comunitária e uso negociado dos recursos hídricos e tecnológicos como eles estão incluídas as estratégias de vida camponesa. Assim nos indagamos: Como o uso d'água pode estar ligado a resiliência e ser um fator de conscientização e reinvenção das relações sociais envolvendo a comunidade?

O aprofundamento do estudo sobre a resiliência camponesa foi estabelecido na discussão teórica e prática de uma pesquisa empírica. O trabalho de campo nos permitiu desenvolver importantes observações sobre a resiliência, envolvendo o modo de produção, o modo de vida, seus costumes e tradições, e logo buscar compreender formas de redistribuir a água na comunidade.

O camponês foi estudado considerando a sua realidade, cujas experiências de vida, juntamente com aqueles que além de camponês é “Produtor de Água”.

Metodologicamente estamos analisando um sujeito em movimento. Em permanente mudança no espaço e no tempo, provocando assim processos de reinvenção das suas tradições, comportamentos e motivando outras experiências. Tal realidade foi analisada a partir de pesquisa que considera dados quantitativos e qualitativos.

A religiosidade e seus simbolismos, a sociabilidade, relações comunitárias, vínculos territoriais estabelecidos pelos camponeses e também suas tradições, foram consideradas como características básicas de uma resiliência potencial que pode ser tornada possível e potencializada pelos sujeitos daquela comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As principais considerações a serem feitas são de que a resiliência do campesinato decorre das suas relações familiares e comunitárias. A resiliência encontra-se atrelada a processos de existência/resistência e reinvenção das suas práticas sociais, visando a vida de suas famílias.

É notável perceber que existem tipos de desavenças entre os camponeses advindas do uso d' água, principalmente na época da seca. Também estão em constantes mutações devidas as imposições do mercado e das legislações. Contudo, nessa comunidade é possível verificar com facilidade as relações de ajuda mútua entre vizinhos, procurando sempre compartilhar conhecimentos com o próximo.

Assim, suas práticas sociais continuam sendo referenciadas na reciprocidade. Os cuidados com os recursos hídricos definem a água como um “Bem Precioso”, fundamental para a vida, indicando que o título de produtor de água envolve o conhecimento de um conjunto de práticas e de políticas preservacionistas.

Portanto, é preciso compreender que suas relações de proximidades com a comunidade e sua religiosidade estão ligadas aos compromissos sociais envolvendo o uso d' água, sendo que a partir delas podem auxiliar na resolução de problemas advindos da escassez de água na comunidade, principalmente no período de estiagem. Além disso, tais comportamentos também envolvem mudanças ocorridas na paisagem advindas das medidas de proteção das nascentes.

Contudo, é preciso ficar atento as possibilidades de exclusão das famílias do lugar vivido. Na comunidade a escassez d' água é uma preocupação cíclica e lhes causa ameaças constantes. As saídas para o compartilhamento d' água passam pela socialização de experiências vividas na comunidade, consistindo em formas de praticarem sua resiliência. Assim, a partir de tais situações, são compelidos a buscar sempre novas técnicas para atender as demandas dos seus processos produtivos. Geralmente as saídas encerram nos interiores de seus sistemas de negociação, trocas e convencimentos. Eles ressurgem baseados nas experiências e até mesmo no convívio com os vizinhos.

O conselho criado na comunidade serviu também como importante espaço de debate, consensos e propagação de ideias. As famílias para continuarem suas atividades recriam de algum modo estratégias de convivência comunitárias, encontrando a partir delas modos de entender o outro e reivindicarem seus direitos.

Por fim, é possível enfatizar que em meio as dificuldades dos camponeses, suas experiências, vindas de gerações passadas, relações de amizades e vizinhanças recriam formas de reciprocidade. Assim, a vida comunitária, seus códigos, costumes e maneiras de ser nos ajudou a compreender como a água, mesmo em momento de escassez nunca deixou de correr nos córregos que cortam as terras das propriedades camponesas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS (ANA). **Nota Informativa – Programa Produtor de Água.** Brasília: ANA, 2018. Disponível em: <https://www.ana.gov.br/todos-os-documentos-do-portal/documentos-sip/produtor-de-agua/documentos-relacionados/1-nota-informativa-programa-produtor-de-agua.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2020.

AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS (ANA). **HIDROWEB – Sistema de Informações Hidrológicas.** Disponível em: <http://www.snirh.gov.br/hidroweb/serieshistoricas>. Acesso em: 12 fev. 2020.

AZEVEDO, Francisco Fransualdo de. **O Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar e as Transformações da Agropecuária no Rio Grande do Norte: uma análise do período 1995-2005.** In: AL., Marcelo Cervo Chelotti Et et al (org.). Geografia Agrária e Diversidades Territoriais do Campo Brasileiro. Uberlândia: Assis Editora, 2012. p. 133 – 160.

COSTA, Ricardo da Silva. **A Resiliência Camponesa: Trabalho e Renda. Resiliência Camponesa e Atos Territoriais em espaços reocupados pelos interesses do setor sucroalcooleiro: Tupaciguara-MG.** UFU,19. Cap. 2. p. 128-134. Disponível em: <http://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/24613/5/Resili%c3%aanciaCampone saAtos.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2020.

DOS SANTOS, Angélica Borges; SANTOS, Rosseltvelt José. **Diversidade cultural nas práticas sócio-produtivas da comunidade rural olhos d'água – Uberlândia-MG.** Caminhos de Geografia, v. 17, n. 58, p. 222-234. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/31549>. Acesso em: 19 fev. 2020.

EMBRAPA. **Irrigação e Fertirrigação do Meloeiro por Gotejamento.** Brasília-DF, 2001. Disponível em: <https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/handle/doc/150920>. Acesso em: 12 fev. 2020.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Malhas Territoriais.** Disponível em:

ftp://geoftp.ibge.gov.br/organizacao_do_territorio/malhas_territoriais/malhas_municipais/municipio_2015/. Acesso em: 19 fev. 2020.

MARQUES, Maria Inês Medeiros. (2012). **A atualidade do uso do conceito de camponês.** Revista Nera, (12), 57-67. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/1399/1381>. Acesso em: 21 fev. 2020.

PREFEITURA DE UBERLÂNDIA. **Mapa Macrozoneamento do Município (2019).** Disponível em: http://servicos.uberlandia.mg.gov.br/uploads/cms_b_arquivos/17006.pdf. Acesso em: 19 fev. 2020.

SANTOS, Angélica Borges dos et al. **Condições sócioterritoriais dos camponeses da comunidade rural Olhos D'Água em Uberlândia-MG.** 2016. Disponível em: <http://clyde.dr.ufu.br/handle/123456789/16252>. Acesso em: 19 fev. 2020.

SANTOS, Rosselvelt José; KINN, Marli Graniel. **Festas: Tradições reinventadas nos espaços rurais dos cerrados de Minas Gerais.** Espaço e Cultura, n. 26, p. 61-74, 2009. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/viewFile/3555/2475>. Acesso em: 12 fev. 2020.

SOUSA, Júlio. **As famílias como projetos de vida: O desenvolvimento de competências resilientes na conjugalidade e na parentalidade.** Revista Saber e Educar n. 11, p. 41-47, 2006. Disponível em: <http://195.22.21.182/handle/20.500.11796/696>. Acesso em: 21 fev. 2020.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: A Perspectiva da Experiência.** São Paulo: Difel, 1983. 250 p. Tradução de: Lívia de Oliveira. Disponível em: <http://www.artevisualensino.com.br/index.php/textos/send/16-textos/481-yi-fu-tuan--espaco-e-lugar-a-perspectiva-da-experiencia>. Acesso em: 06 set. 2020.